

comunidade



sociedade



esfera

lé| (grego sphaîra, -as, bola, globo) s.f.
IO. Raio de ação.

(1)

3	INTRODUÇÃO
5	ENCONTRO
7	MANIFESTO
25	EXPERIÊNCIA 01
33	EXPERIÊNCIA 03 + 04
37	PORTABLE SCHOOL
45	BAIRRO
69	CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

OUT OF PRINT BACK TO LIFE 1.0

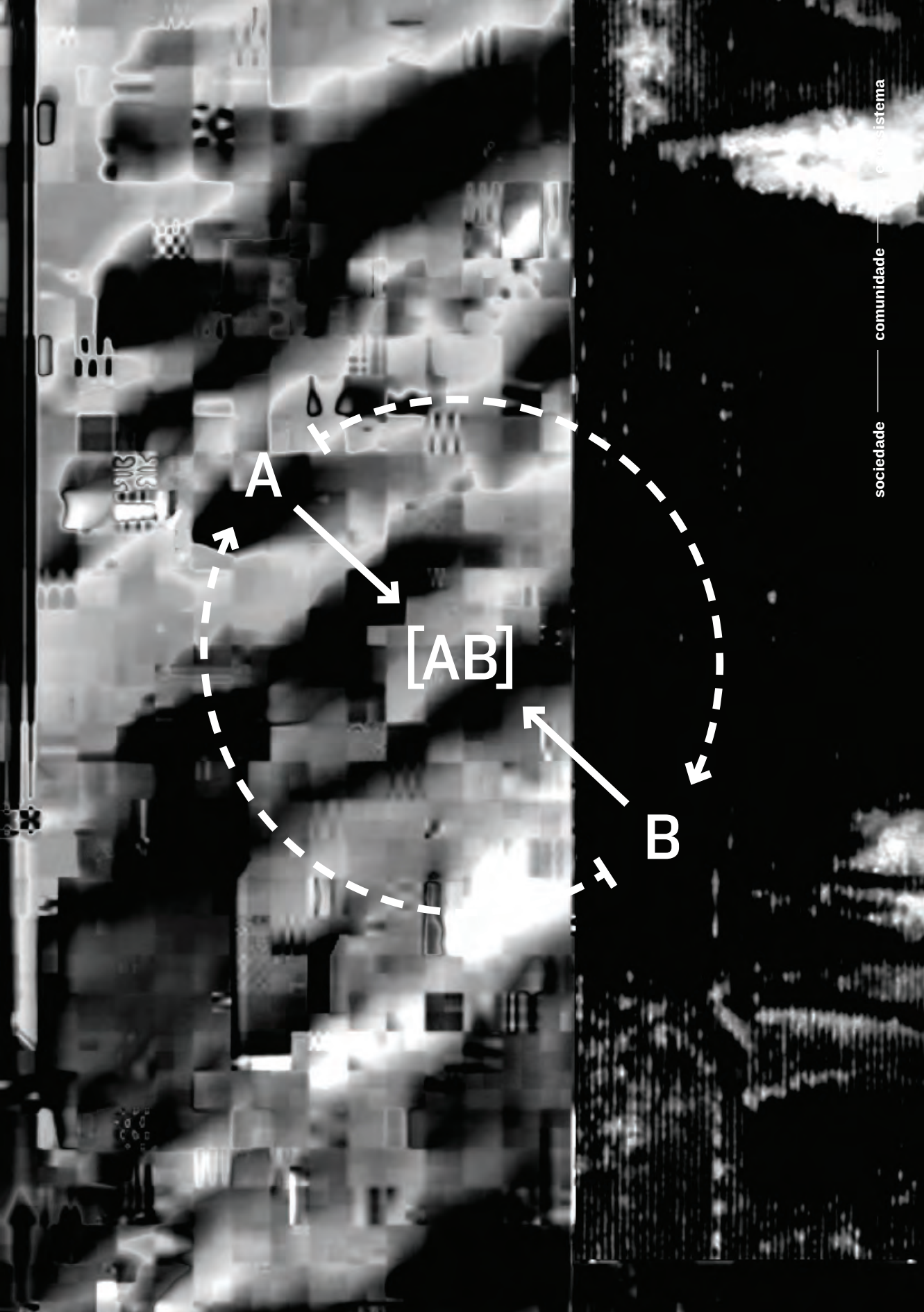
“How do you wish to use your design skills for positive change?”.

Numa lógica de continuidade com o trabalho desenvolvido no primeiro semestre do Mestrado em Design de Comunicação e Novos Media vimos no segundo semestre a oportunidade de ampliar os conceitos de arquivo de memória e interação explorados no nosso primeiro projecto.

Tendo como metáfora OUT OF PRINT BACK TO LIFE 1.0 preocupa-nos agora uma abordagem menos centrada na metáfora da página/edição, virando assim a nossa reflexão para questões do design centradas na sua relação com a realidade da sociedade contemporânea, e a responsabilidade ética e social que acarretam.

Questionadas então sobre o papel do designer de comunicação como agente catalisador de reflexão e diálogo face às questões sociais e de cidadania, chegámos ambas, mesmo que numa primeira fase individualmente, à conclusão que esse papel passava por uma acção activa no seio da sociedade. Os novos media como parte integrante deste modelo, abrem portas a uma amplificação de conceitos que vão para além do campo convencional do design, expandindo assim o nosso campo de análise a conceitos que se relacionam com a biologia, computação, etnografia e sociologia, de modo a possibilitar uma análise mais completa dos fenómenos que se prendem com a noção de comunidade.

O mote partilhado pelo ecossistema da turma foi a comunidade e as metáforas que a rodeiam. Deste modo começámos por explorar diferentes ideias de comunidade para cada membro do ecossistema e iniciámos a nossa investigação. Levando o nosso trabalho para o campo, decidimos começar a nossa intervenção pelo bairro dos Anjos, devido à sua diversidade que se demonstrava essencial para a exploração dos diferentes conceitos de comunidade que tínhamos previamente estabelecido. No decorrer do nosso trabalho de campo nos Anjos, apercebemo-nos os problemas inerentes ao bairro e à vivência nele, foram identificados pelos seus próprios habitantes, como transversais a todos os bairros de Lisboa. Posto isto, e reconhecendo as limitações temporais e práticas de uma intervenção no campo mais profunda, decidimos tomar esta experiência como modelo simbólico para o paradigma social português. A nossa abordagem centrou-se assim numa construção de um bairro distópico e representativo da nossa realidade contemporânea, analisando assim aqueles que definimos como os seis pilares do nosso bairro: família, educação, estado, economia, cultura e por último rede. Esta construção reflecte a nossa investigação ao longo do semestre, tomando o ambiente dos novos media como um campo de experimentação e posterior reflexão do utilizador, tendo em vista um possível diálogo sobre as realidades apresentadas.



sociedade — comunidade — ecossistema

ENCONTRO

A

rede
cívico
coesão
diálogo
literacia
feedback
sistemas
equilíbrio
sociedade
conhecimento
acção/interacção
estruturas públicas

A + B = [AB]

mutualismo
ecossistema
cooperação
comunidade
colaboração
narrativas
intervenção
troca

B

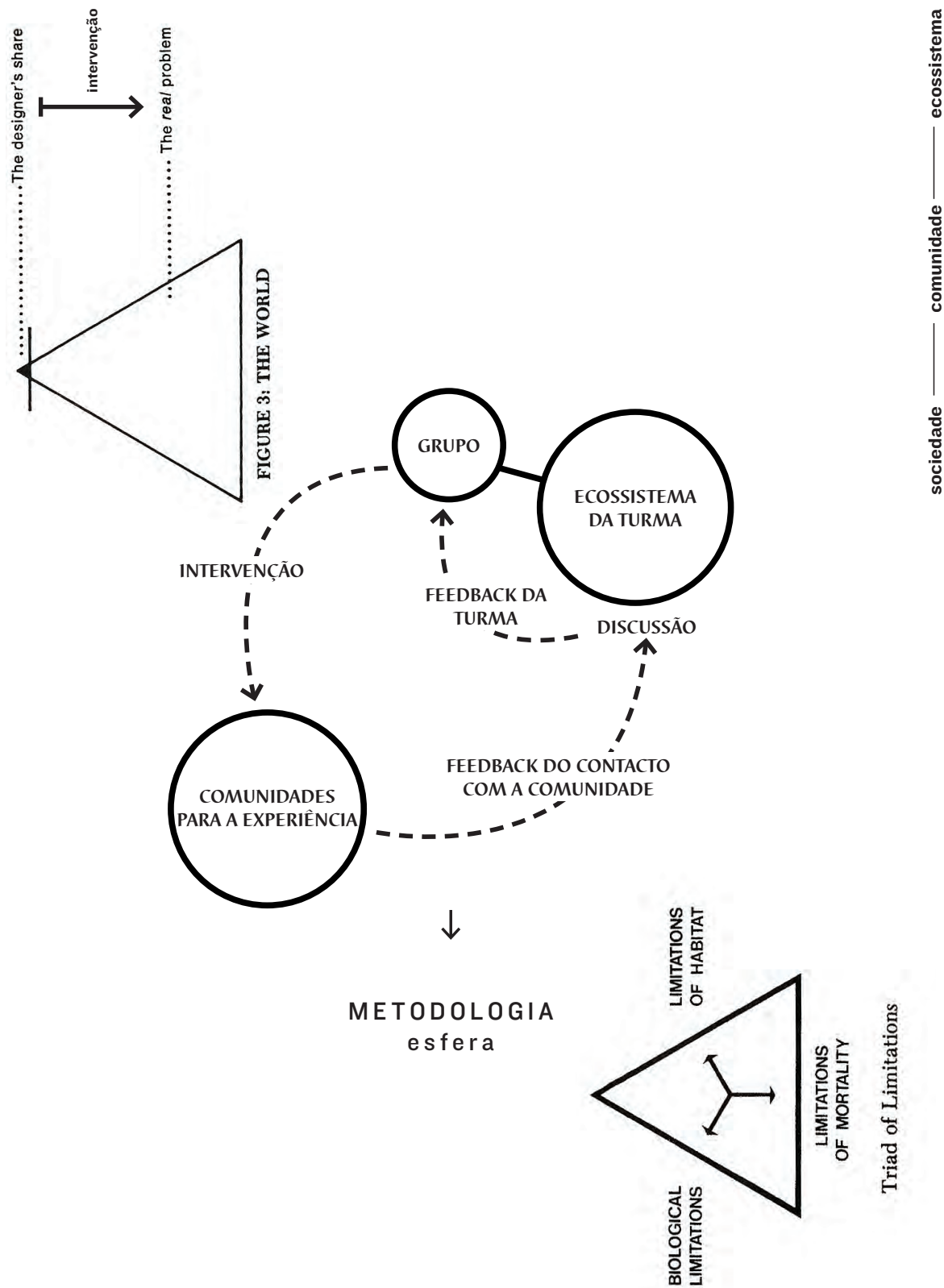
marginal
curadoria
slow design
metodologia
mapeamento
public discussion
alternative stories
social commentary
trans-local actions
história/memória/identidade
reflexão da condição humana
enriquecimento do espaço social

Regendo-se pelos princípios de ecossistema, este dueto forma-se num princípio de simbiose, mutualismo e cooperação resultando assim de uma proximidade de objectivos projectuais. Num primeiro encontro, ficaram claras áreas sociais, públicas e humanas em comum a ambos os membros, que permitem assim um afunilamento de conceitos e organismos para a definição da área de intervenção desta fase. A formação deste dueto surge de uma convergência de interesses que se dividem em áreas conceptuais e práticas, encontrando-se no meio do processo metodológico, resultando assim na exploração projectual dos conceitos.

Tendo em conta metodologias de slow-design e co-design, emerge a pertinência desta colaboração deste cedo, de modo a testar relações de proximidade, intimidade e dependência. Pretende-se assim uma abordagem conceptual e teórica dos conceitos de rede, marginal, sistema, conhecimento, história, memória, identidade, reflexão da condição humana, ecossistema, simbiose, simultaneamente explorando uma abordagem mais prática, e por isso no terreno, de conceitos como comunidade, discussão pública, civismo, sociedade, diálogo, cooperação, colaboração, intervenção, entre outros. O espaço em que os conceitos se dissipam entre o conceptual e o prático será o nosso campo de acção projectual, pretendendo uma abordagem social a estas problemáticas, será então essencial uma intervenção no local, com a comunidade escolhida (na área central de Lisboa).

Tendo como mote o designer como agente catalisador de mudança, colocamo-nos ao serviço da comunidade, com o intuito de catalisar essa mudança no interior, facilitando assim a compreensão dos seus valores intrínsecos de comunidade, naquilo que os aproxima e os afasta. Esta proximidade é relevante para o estudo e prática de modelos, bem como para uma exploração empírica de sistemas de relações e comunicação.

É então pertinente este momento de aproximação e exploração de modo a por em prática relações mutualistas entre o dueto e a comunidade, produzindo resultados que possam por em contacto não apenas os membros envolvidos neste encontro, bem como o ecossistema da turma e mais tarde o público geral.



MANIFESTO

/

esfera

manifesto |él| – s. m.
I. Exposição (geralmente escrita) em que se manifesta o que é preciso, ou o que se deseja que se saiba.

No mundo contemporâneo, o papel do designer tem sido sempre delimitado pelas lógicas industriais e do marketing, que se muniram das metodologias do design para moldar o mundo capitalista em que vivemos. No entanto, surge a necessidade de olhar para o design como mais do que uma ferramenta ao serviço do mercado, mas como uma possibilidade de este se tornar num agente interventivo na sociedade. Neste sentido, mais do que o designer que responde a um briefing, abordamos aqui um designer cuja agenda social está veiculada a uma sensibilidade ligada ao contexto social em que habita. Assim, é importante que a nossa intervenção, como designers, se aproxime mais com uma procura de questões profundas acerca da sociedade à qual pertencemos, em detrimento de respostas fáceis e espetáveis.

Integradas na cidade de Lisboa como suas habitantes, este é um espaço privilegiado devido à sua diversidade cultural, dado que nos é possível observar as várias comunidades que formam a malha urbana da cidade. É também devido a esta particularidade que escolhemos como ponto de partida a zona dos Anjos, devido à sua multiplicidade de etnias e de grupos sociais, que se constituem assim como um ecossistema diversificado, dando-nos a possibilidade de ter uma amostra variada como caso de estudo.

Estando igualmente integradas no ecossistema do Mestrado de Design de Comunicação e Novos Media, procuramos compreender o funcionamento da comunidade do mestrado, simultaneamente procurando entender as lógicas que constituem as relações das comunidades exteriores, dentro delas mesmo, bem como com as comunidades que habitam perto de si.

Sendo então este o nosso ponto de partida, agregando ao empirismo científico da experiência o sentido poético do flaneur, pretendemos navegar entre as comunidades, estudando as suas particularidades internas, desenhando uma cartografia social do espaço, em busca do tecido relacional que as conecta.

Na busca da resposta à pergunta de Fuad-Luke ‘How do you wish to use your design skills for positive change?’ e tendo como mote deste 2º semestre ‘Out of Print Back to Life’, colocamo-nos assim à disposição das comunidades, procurando a resposta no seio da sua vivência, considerando-nos simultaneamente como um organismo que habita o mesmo espaço, mas que se encontra à margem e pretende infiltrar-se em ecossistemas alheios. Esta integração tem como objectivo a criação de pontes entre diferentes comunidades, a geração de feedback entre as mesmas e o ecossistema de DCNM, e uma fuga de informação que terá o intuito de por à prova relações sistemáticas de rede, que apesar de terem ligações com o mundo virtual não são obstantes à vivência da realidade.

EXPERIENCIA 01

/

ecossistema

Mestrado DCNM

comunidade – s. f.
(latim *communitas*, -atis)
1. Qualidade daquilo que é comum.
2. Agremiação.
3. Comuna.
4. Sociedade.
5. Identidade.
6. Paridade.
7. Conformidade.
8. Lugar onde vivem indivíduos

turma – s. f.
(latim *turma*, -ae, *esquadrão*
de cavalaria)
1. Cada um dos bandos em que
se divide uma grande multidão.
2. Cada um dos grupos de
pessoas que se revezam em
certos actos.
3. Cada um dos grupos em que
se divide uma classe numerosa
de alunos.

Numa tentativa de aproximação às noções de diálogo e partilha dentro de uma comunidade, tornou-se essencial iniciar esse estudo numa comunidade mais próxima – a comunidade da turma de Projecto do Mestrado de Design de Comunicação e Novos Media. Assim, a experiência 01 focou-se na exploração das noções de comunidade que cada elemento do ecossistema detinha a priori, pelo que apenas através da discussão em grupo destas questões seria possível chegar a um entendimento colectivo do que era uma comunidade e das problemáticas principais em volta deste conceito.

De modo a compreender a forma como cada elemento se inseria na sua comunidade ‘externa’ e como, individualmente, era simbolizada a ideia de pertença, pediu-se que cada membro da turma partilhasse um objecto simbólico da sua inserção social e que explicasse o significado dessa pertença. Este objecto deveria espelhar o conceito de comunidade e pertença de modo captar as semelhanças e disparidades dentro do grupo, tendo sido possível perceber o modo como cada elemento se integra socialmente no seu ecossistema – quer seja este familiar, laboral ou apenas num campo abstracto da ideia de partilha em comunidade. Numa segunda fase, e com o intuito de estabelecer princípios comuns de comunidade, foram elaboradas questões para cada um destes membros, suscitando elas uma resposta espontânea e opinativa. A discussão gerada e a partilha destes conceitos permitiu estabelecer noções básicas do que é uma comunidade, podendo permitir o estabelecimento de um tom para o início do projecto.

Esta experiência permitiu também a avaliação da metodologia desenvolvida para o projecto, permitindo a criação de fluxos de feedback – embora internos – que alargaram a discussão e que serviram para produzir dilações relativamente à comunidade em si – e às suas relações inter-pessoais – e relativamente à metodologia adoptada.



► ANA RITA DOMINGOS

Eu escolhi uma t-shirt feita por um amigo de uma banda de uns amigos meus porque, na procura de um objecto para trazer, vi que não havia assim grande coisa que falasse de comunidade que estivesse em Lisboa, porque eu não sou de cá, e escolhi a t-shirt por uma relação de amizade e de pertença que sinto lá que não sinto cá.

2 / 14

Qual e para ti a importancia de pertencer a uma comunidade?

Eu penso que os factores determinantes para a formação e para a origem de uma comunidade são, para além dos pontos e dos objectivos comuns, as raízes. Como o objecto que eu escolhi tem uma forte ligação com o sitio de onde venho, penso que para uma formação de uma comunidade muitas vezes é importante a sua origem, o sitio de origem e o local onde as coisas acontecem, onde agentes se encontram e se contactam para a criação da comunidade.

Sendo assim, proximidade seria a palavra, tanto geográfica como proximidade de ideias, de objectivos.



► ANETT KRASE

I choose a language book, because I think language is a big factor to be a part of a community, to communicate with people.



► BEATRIZ SEVERES

Eu escolhi um livro muito antigo, não é pelo livro em si, porque é um livro religioso, mas foi-me oferecido pela minha avó, e simboliza esta ideia de continuação do conhecimento em relação àquela que para mim é a comunidade a que pertenço, e que espero que esteja muito mais presente que qualquer outra, que é o que nos une, o sangue é o que nos une e é a quem pertencemos de certa forma. Biologicamente é àquelas pessoas que pertencemos. Eu não sou de cá, por isso sinto que aqui sou mais uma pessoa no meio de muita gente, e sinto que é especialmente a família e os amigos que são as nossas verdadeiras comunidades, que nos mantêm juntos, que nos mantêm como parte de algo um pouco maior.

1 / 14

O que é para ti uma comunidade?

Para mim uma comunidade é um 'chão'. Acho que de certa forma todos pertencemos a alguma 'coisa' que nos dá esse 'chão'. Sabemos que pertencemos a alguma coisa, a alguém, a alguma rede. Sinto que a importância de uma comunidade é isso mesmo, é ter um porto seguro, é saber que ali tenho pessoas que, podendo ou não ter os mesmos objectivos que eu, ser ou não da mesma faixa etária, com ideologias completamente diferentes mas que no fundo são uma família. Para mim uma comunidade é isso, é a nossa base, as nossas raízes, e onde nos decidimos fixar porque nos é mais seguro assim. Mas eu ainda estou à procura de respostas a esta questão.



► INÊS LEITÃO

O meu objecto é desfazer nós e criar laços. Isto foi durante muito tempo o lema do meu colégio onde andei desde os 3 anos até ao final do 12º ano. Inicialmente escolhi o girassol, mas não tive tempo de o comprar, isto porque a santa padroeira do colégio era a Sta. Paula Frassinetti e a última coisa que disseram muito importante sobre ela é que Paula estava virada para Deus como um girassol para o sol, e o lema do colégio foi sempre uma coisa importante para nós. Foi a comunidade onde estive mais tempo na minha vida, e achei que seria a comunidade correcta para apresentar aqui.

3 / 14

Qual é a primeira palavra que te vem à cabeça quando pensa e comunidade?

Pontos comuns. Acho que numa comunidade tem de ter pontos comuns, senão não faz sentido. Sendo assim, proximidade seria a palavra, tanto geográfica como proximidade de ideias, de objectivos.



► JANIRA GOMES

Eu trouxe o meu passaporte cabo-verdiano. Eu sou cabo-verdiana, para mim o meu passaporte representa a comunidade que eu faço parte, a comunidade de Cabo Verde, mas que não estou presente e também acaba por mostrar as outras comunidades que eu já fiz parte, e aquela que eu faço parte agora, Portugal.

7 / 14

Fazer parte de uma comunidade pode implicar a exclusão de outra?

Acho que não necessariamente mas, por exemplo, falando no meu caso de fazer parte de uma comunidade e de não estar presente nessa comunidade e de fazer parte de outras, acho que o que acontece é que deixamos de ser tão activos na comunidade em que nós estamos no momento, porque tentamos ser mais activos na comunidade em que fazemos parte, em que mais fazemos parte, e as outras acabam por ficar 'a dormir' mas não deixamos de fazer parte delas.



► JENS SIEVERT

Eu tinha muitos objectos em casa com valor sentimental relacionado com comunidade mas apeteceu-me trazer um objecto sem valor. Porquê um CD? Porque o CD é capaz de ser o último suporte físico daquilo que representava uma rede de partilha, ou algo parecido. É um objecto que não valor, teve alguma função no momento ou terá algum valor no momento em que pomos informação lá dentro, portanto ele sem informação não tem qualquer valor, e é exactamente por não ter valor que servia de base de partilha quando queríamos distribuir ficheiros entre nós. Para mim faz sentido porque durante muito tempo serviu para a minha comunidade de amigos e colegas de trabalho em partilhar informação, faz sentido também naquilo que ando a pensar em termos de rede de partilha e faz também sentido pensar que uma rede inicial seja ela qual for não tem qualquer valor se não tiver informação lá dentro ou se não tivermos lá a colocar e a activar.

9 / 14

São necessárias relações de hierarquia numa comunidade?

Esta é complicada de responder. Eu diria que, teoricamente não, mas na prática sim, isto porque para mim uma comunidade faz sentido quando todos os membros dessa comunidade são iguais, portanto, com pontos que partilhamos e onde todos convivemos, que temos um mote comum de nos relacionarmos. O sentido próprio de uma comunidade é dar e receber, e eu acho que teoricamente só se consegue dar e receber se tivermos todos sem filtros, num relacionamento aberto e franco, e então aí não poderá existir hierarquia, pois a hierarquia subverte o pensamento das pessoas. Na prática, eu acho que o ser humano tem tendência a criar hierarquias, isto porque tem tendência a sobrepor-se ao outro, a ganhar o seu espaço, a impor a sua ideia, e portanto, automaticamente, qualquer comunidade há-de ter uma hierarquia, pode não ser determinada no início, mas no fim certamente.



► PATRÍCIA FONSECA

Eu escolhi uma t-shirt feita por um amigo de uma banda de uns amigos meus porque, na procura de um objecto para trazer, vi que não havia assim grande coisa que falasse de comunidade que estivesse em Lisboa, porque eu não sou de cá, e escolhi a t-shirt por uma relação de amizade e de pertença que sinto lá que não sinto cá.

4 / 14

A pertença a uma comunidade é determinante para a formação de uma identidade?

Eu penso que os factores determinantes para a formação e para a origem de uma comunidade são, para além dos pontos e dos objectivos comuns, as raízes. Como o objecto que eu escolhi tem uma forte ligação com o sitio de onde venho, penso que para uma formação de uma comunidade muitas vezes é importante a sua origem, o sitio de origem e o local onde as coisas acontecem, onde agentes se encontram e se contactam para a criação da comunidade. Sendo assim, proximidade seria a palavra, tanto geográfica como proximidade de ideias, de objectivos.



► PEDRO MONTEIRO

Isto é uma recordação de quatro posters que eu fiz a certa altura, e isto representa um acto falhado. Em 2008 lancei um blog que tentava criar uma comunidade. O que o blog tentava fazer era incitar pessoas a escreverem perguntas em relação a assuntos ou problemas que tivessem, procurando dentro das próprias perguntas as respostas, tentando passar a ideia que muitas vezes dentro dos nossos problemas estaria a resposta a essas perguntas. Lancei o blog, reproduzimos 'n' coisas, tentámos desafiar pessoas, enfim, basicamente nunca passou de um projecto de

duas pessoas, e depois passou a uma. A certa altura fiz estes posters e disponibilizei-os em pdf e dizia 'se vocês quiserem, façam download e imprimam-nos e afixem-nos nas redacções'. São posters contra o estado do jornalismo na altura. Ao contrário da primeira fase, estes posters tiveram algum feedback, soube que tinham sido colocados em alguns sítios e afins. Em 2011 estava a trabalhar numa redacção do 'Corriere della Sera' e ia a passar no corredor e vi afixado, dentro da redacção, um destes posters.

12 / 14

Há diferença entre comunidade e sociedade?

Eu acho que há diferenças, como é obvio, embora para mim sociedade seja uma grande comunidade, quando estava a pensar nisto estava a pensar naquela ideia daqueles websites em que vamos e as imagens vão aparecendo em muita baixa resolução depois vão gradualmente aparecendo até um desenho e eu acho que nós podemos fazer esse género de comparação. Para mim uma comunidade são pessoas com objectivos comuns, mais do que pontos comuns, objectivos comuns. E então a esse nível a sociedade tem objectivos comuns muitos latos e conforme nós vamos diminuindo a comunidades com objectivos comuns cada vez mais definidos. As pessoas colaboram muito mais numa comunidade de um prédio, são muito mais colaborativas e altruístas entre eles do que num país.



► RUI MOREIRA

Se calhar é mais fácil dizer o que é que eu não escolhia do que dizer porque é que eu escolhia isto. Basicamente, tenho alguma dificuldade em sentir que pertenço a alguma comunidade. De certeza que não pertenço a Lisboa, não estou a viver no Porto, passei o último ao fora de Portugal, por isso não me sinto português, apesar de gostar de Portugal, esta é mais uma relação com o passado cá em Portugal, com algo que eu levo comigo para todos os lados. Também tive a ideia de trazer as chaves de casa, mas acho que não tem o mesmo significado que a música. O problema da chave é que é demasiado pessoal, e esta música tem uma conotação, tem um sentimento – apesar de tudo – de portugalidade, de Portugal, de ser uma música portuguesa, e que eu não consigo transmitir a outras pessoas estribas, ou seja, tendo vivido lá fora, esta questão do emigrante realmente é marcante, a música do emigrante é marcante, e é algo que não se consegue passar às pessoas de fora. Não consigo passar este sentimento

da música a pessoas de fora, acho que é algo mesmo... é das poucas coisas que me prendem à comunidade neste caso à comunidade Portugal, à comunidade das pessoas que percebem esta música e que gostam desta música.

6 / 14

O que implica fazer parte de uma comunidade?

Se eu soubesse a resposta a esta pergunta tinha o meu trabalho de projecto feito. A primeira resposta é: não sei. A segunda é: a única coisa que posso dizer é baseada na minha experiência pessoal, anteriormente não sentia que fazia parte integral de uma comunidade, poderia responder que o que sinto mais palpável é que para fazer parte de uma comunidade precisamos de um referente, neste caso costume associar a comunidade em resposta ao exercício da música, como sendo um referente histórico e um referente, não sei, um tipo qualquer de referente.



► SARA ORSI

Eu trouxe este objecto por dois motivos: primeiro pelo valor simbólico – foi um presente para a minha casa, quando começámos a ter casa – e o segundo pela questão da comunidade, da pertença, isto é literalmente estes bonecos pertencem uns aos outros. E pronto, isto foi o que eu trouxe de casa, mas a primeira coisa que eu pensei na verdade foi só nesta pulseira, que eu recebi isto no dia em que vim do Dalai Lama, e foi assim um bocadinho estranho, foi tudo por acaso, paramos num sitio onde houve uma apresentação – o Dalai Lama foi dar uma iniciação, e todas as pessoas receberam isto. Todas as pessoas que tiveram naquele sitio, àquela hora, estão identificadas por este objecto – um terço budista – todas estão ligadas àquele preciso momento. Tenho outra pessoa que estava a viajar comigo, que também tem isto no pulso. Sei que várias pessoas têm este objecto com elas, e que hoje estão espalhadas pelo mundo, e esse objecto une-nos num momento, em comunidade.

14 / 14

Existem regras de conduta em comunidade que podem ir contra os princípios individuais?

Sim, e é bom que haja, porque senão a comunidade estagnava. e a diferença é que permite avançar, eu acho que é muito importante começar uma comunidade baseada em pontos comuns, mas depois para avançar é importante haver a discordância.



► SARA ORSI

Por acaso tinha-me esquecido de pensar num objecto mas se eu tivesse isto em casa podia trazer, não é apenas circunstancial, eu acho que é um objecto com uma história por trás, e é um objecto que todos sabem que isto é fermento e pó Royal e este objecto é um objecto que já o tenho há muito tempo, pelo menos a data de validade é 2 de '98. Foi o resultado de um briefing, da altura de '97, feito aqui na Faculdade, e foi um briefing muito interessante, na minha perspectiva como professor. O briefing chamava-se 'Superman goes to Supermarket' e era a resposta não só a uma sociedade consumista, mas também a um conjunto de iniciativas que a Adbusters começava a instigar pela revista e que o CCB também começava a ter algumas exposições tipo Catalists e outras exposições, a olhar um bocadinho para este sofrimento consumista que abraçava o final da década de 90, na transição.

2 / 14

Qual é para ti a importancia de pertencer a uma comunidade?

E uma pergunta complexa, porque nós não somos questionados sobre a importância da comunidade, nós já somos educados como vivendo em comunidade. Na minha matriz sociológica, judaico-cristã, desde que eu nasci, eu ao ser baptizado e ser baptizado é a entrada na comunidade, como vocês sabem, quem não é baptizado não está na comunidade, estão fora da comunidade. A mim baptizaram-me e disseram 'tens aqui a comunidade', eu era bebé e apresentaram-me à comunidade, depois nas fotografias não achei muito simpática a comunidade que me estavam a dar. E tem sido sempre essa a minha questão até hoje, nunca achei piada à comunidade que me escolheram, e quando tive oportunidade sai daquela comunidade, o mais rapidamente possível. Felizmente, até hoje, nunca mais regressei à comunidade. A comunidade tem o primeiro momento em que nasce alguém e é apresentada, depois o ultimo momento em que morre alguém, nós somos confrontados com a comunidade com a que fomos apresentados quando fomos baptizados. Essa é a configuração da comunidade que eu conheço. Não conheço mais nenhuma comunidade, diga-se de passagem, a comunidade profissional, não me identifico com ela, não sei quem é, conheço alguns designers, conheço alguns professores, conheço algumas pessoas que gostam de cinema, estas são as minhas comunidades. Estou como o Marx, jamais me

inscreverei numa comunidade que me tenha a mim como sócio. Esta coisa da comunidade é, aceito as regras da comunidade, são mais seguras, são aquelas que me permitem estar mais seguro, mas regra geral discordo muito das regras da comunidade. Diria que posso discordar porque sou filho único, ser filho único potencia a necessidade de discordarmos sempre de tudo, para um filho único nunca nada está bem, há sempre uma razão para se puder fazer de outra maneira, e o filho único é sempre também visto em termos comunitários como a ovelha ranhosa, está sempre a questionar. Estas comunidades são entidades para mim um pouco viciadas, têm regras, têm estatutos, auto protegem-se, auto defendem-se, auto elegem-se, essas coisas todas. Para mim são características de vícios, mas ao mesmo tempo são aquelas que nos podem ajudar a manter-nos vivos, a manter-nos no sitio certo. De outra forma se não estivermos numa comunidade descambamos, perdemos-nos, ficamos sem referências, mas sinceramente, a certa altura naquilo que eu gosto é estar fora, a olhar para as outras comunidades. A importância para mim de pertencer a uma comunidade é... Há alturas em que não vejo nenhuma importância, há outras alturas que sim, isso tem muito a ver com essa segurança, com este lado de protecção que as comunidades podem permitir, eu acho que em termos de identidade, julgo que não. Há mais uma identidade colectiva que é interessante mais do que os aspectos individuais, que nas comunidades são pouco interessantes para mim.

Vivo sempre neste paradoxo, como dar atenção a uma comunidade que não quer dar atenção aos indivíduos? E acho que há também um paradoxo destas democracias, querem proteger os indivíduos, e as suas particularidades, mas depois não conseguem. Aos interesses individuais devem se sobrepor os interesses do colectivo.



sociedade — comunidade — ecossistema

EXPERIÊNCIA 03+04

/

ZONA FRANCA NOS ANJOS

+

SOU – MOVIMENTO E ARTE

ZONA FRANCA NOS ANJOS

Para iniciarmos o nosso projecto em contacto com uma comunidade real decidimos escolher um bairro de Lisboa para estudarmos o conceito de comunidade e percebermos o seu funcionamento. A escolha recaiu no bairro dos Anjos por ser um bairro relativamente novo na história lisboeta e pelas suas peculiaridades geográficas, sociais e culturais. Devido à sua localização geográfica, o bairro dos Anjos revela uma amostra de habitantes diversificada a nível etário, étnico e profissional. No bairro podemos observar os habitantes mais velhos, que cresceram e viveram toda a sua vida lá partilhando o espaço com estudantes e jovens trabalhadores atraídos por rendas baixas, imigrantes recém-chegados e de 2ª geração.

Para além destas características é um local que nos últimos anos tem vindo a servir de incubadora de vários projectos sociais e culturais que tem como objectivo dinamizar e unir o bairro, factor importante por poder servir de canal para o nosso contacto com a comunidade dos Anjos. Inicialmente escolhemos então entrar em contacto com duas associações, a primeira Zona Franca é uma iniciativa recente que nos podia dar uma perspectiva das dificuldades de integração no bairro, e a segunda SOU, já enraizada como escola e colectivo cultural, mostra-nos outra perspectiva mais madura sobre as dinâmicas do bairro.

A Zona Franca nasceu da percepção de uma carência de espaços de convívio e de comunidade nos Anjos. Surge como uma associação cultural diversificada, sediada num edifício na Praça das Novas Nações, diariamente aberta como clube para sócios, organizando também workshops, concertos, tertúlias, entre outras actividades que visam enriquecer o espaço público dos Anjos.

Rui e Inês não nasceram nos Anjos, mas os factores adjacentes ao bairro cativou-os a criar aqui a Zona Franca. É referida a acessibilidade do bairro no que diz respeito ao custo de vida mas também aos acessos dentro da cidade pois, como é referido, está perto de tudo, mas não se sente o movimento da cidade como em bairros mais tradicionais e turísticos.

Ao longo da conversa, é perceptível a expansão levada a cabo nos Anjos, pois este bairro passou de uma zona exclusivamente habitacional, de casas de família, a um bairro onde é perceptível toda uma dinâmica multicultural que se instalou e que enriqueceu o bairro. O bairro tem-se

renovado e a abertura e hospitalidade a comunidades estrangeiras tem aumentado gradualmente, muito também devido ao facto dessas comunidades se esforçarem para pertencer ao bairro, criando os seus próprios negócios nos Anjos e, como foi referido ao longo da conversa, é possível observar que não há motivos para discriminação, pois a criminalidade desde há 10 anos atrás tem vindo a diminuir.

Relativamente às questões de comunidade, tanto o Rui como a Inês concordam que nos Anjos não existe uma sectorização visível em relação a comunidades específicas, havendo uma maior mistura entre etnias, classes sociais e faixas etárias, embora essa mistura não se evidencie nas ruas ou nos poucos espaços públicos do bairro. Esta questão é um dos maiores problemas levantados pela Associação Zona Franca – a falta de espaços públicos, onde se possam criar núcleos de convívio e de relações interpessoais. Esta lacuna no bairro deve-se à geografia do próprio bairro, pois as tipologias arquitectónicas não permitem a existência de espaços abertos comuns, tornando-se a nível arquitectónico pouco inclusivo.

Quando questionados quanto aos problemas do bairro, tanto o Rui como a Inês frisavam que para além das problemáticas já referidas, os problemas dos Anjos eram os mesmos que os de quaisquer bairro lisboeta.

SOU – MOVIMENTO E ARTE

Para tentar compreender a forma como agentes externos se enraízam no bairro dos Anjos, é obrigatório analisar a posição e estratégia de implementação da associação SOU. O SOU – Movimento e Arte é uma associação cultural totalmente enraizada nos Anjos, que se caracteriza pela diversidade de eventos culturais, workshops, espectáculos, aulas, etc. Este projecto já tem vários anos, pelo que é perceptível a sua presença no bairro e a familiaridade que tem com as pessoas que o frequentam. Marta Silva, uma das fundadoras do projecto SOU e curadora artística de um projecto tangente à associação – O Largo Residências, no Intendente – refere que a maior parte das pessoas que frequentam o espaço são moradores da zona, pelo que o projecto SOU não existiria sem este público e o seu feedback. Marta refere que é surpreendente a forma como o Sou tem crescido relativamente à sua presença no bairro, pelo que é notória a aderência das pessoas ao espaço e à associação

em si. É por essa mesma razão que existem frequentemente workshops dedicados a emigrantes e à sua inserção na comunidade dos Anjos em conjunto com programação específica para famílias, de modo a tornar o SOU num espaço cada vez mais comunitário.

Marta assinala também a crise como um factor decisivo para a associação, pois é perceptível a falta de participantes nos workshops levados a cabo na associação, aderência essa que se foi perdendo e que põe em risco a existência do espaço. Embora esta diminuição de participantes afecte financeiramente o projecto, Marta refere que, curiosamente, este ano deu-se um aumento de visitantes o espaço e de público nos espectáculos e nas sessões de cinema da associação, mostrando que embora a crise afecte as inscrições nas actividades, não interfere com o interesse das pessoas pelo projecto que é do bairro e para o bairro.

PORTABLE SCHOOL
POSTSCRIPT

Tendo como base a iniciativa portable school foi-nos pedido um comentário sobre as noções de educação e hierarquia abordadas no mesmo. Após a exploração do espaço expositivo do projecto e a análise dos objectos resultantes desse momento, a nossa aproximação teve como base os 6 pontos explorados: Professor/aluno; sala de aula; a turma; os meios; intervalo e horário. O resultado é uma reflexão intuitiva e visual dos conceitos, numa resposta conceptual às leituras abordadas pela portable school.

PORTABLE SCHOOL – POSTSCRIPT

1. Professor / Aluno
2. Sala de Aula
3. A turma
4. Os meios
5. Intervalo
6. Horário

PORTABLE SCHOOL

POSTSCRIPT

6

Escola Aberta

“The only dignified things one should be “in on” are the things that one needs to move oneself by one’s own means. If school doesn’t teach you how to struggle to unleash your potentially vibrant will it will condemn future generations to resignation, servitude, and suicidal revolt. It will turn to the dust of death and barbarism the most living and human part of each person.”

Programme

My Manifesta 6 School will largely consist of a programme of education that is committed to political cultural production and the struggle for cultural freedoms. This programme implies the necessity of self-organisation, using existing structures creatively, so as to have an influence in political and social issues of the future and to develop models for solutions.

PROFESSOR ALBUINO

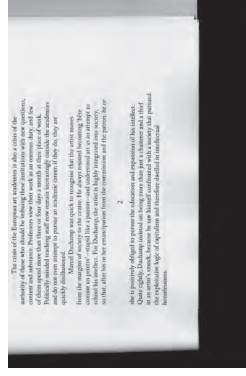
Cultural practice at the Manifesta 6 School will link culture and politics, the two inseparable parts of social action by means of typical methods of critical reading of cultural practices that bestow meaning. The Manifesta 6 School will be a form of intellectual practice with the task of enquiring as to how cultural practices can be employed to give political meaning to the everyday lives of ordinary people.

The Manifesta 6 School will discuss the ways in which people find cultural options and space for individual action within the political and economic structures that determine their lives, and how these options can be utilised. The aim is to examine the cultural mechanisms and structures that facilitate, promote or restrict such action, and also to address concrete political conditions of power within which realities and their means of influence are constructed and experienced.

(38)



“Maybe nobody will care about printed books 50 years from now, but I do. When I read a book, I’m handling a specific object in a specific time and place. The fact that when I take the book off the shelf it still says the same thing - that’s reassuring... and he goes on ... Someone worked really hard to make the language just right, just the way they wanted it. They were so sure of it that they printed it in ink, on paper. A screen always feels like we could delete that, change that, move it around. So for a literature-crazed person like me, it’s just not permanent enough.”



Derrida sees the university as a dissident, resistant, critical and deconstructive opposition to state power, to economic powers, and to media, ideological, religious and cultural powers that restrict the advent and the permanent development of democracy. The university should therefore be a post-hierarchical space, a 'university sans condition', a university without rank or status. Derrida's university is a privileged location of the forces of resistance and dissidence, which is why it is entitled to unequivocal freedom. Here everything can be stated in public, and the professors will assume the responsibility for this. The freedom to say everything that one believes is true and feels compelled to say creates an absolute academic space, which has to be symbolically protected by a kind of absolute immunity. For Immanuel Kant, too, the university was a 'public institution' with the task of cultivating all the sciences and protecting them against restrictions. Universitas signifies 'the whole' or 'the world' and the university embodies the character of wholeness and unity. And if this is true of a university, then it is definitely also true for an art academy.



PORTABLE

The moment one tries to define what habit is, one is led to the fundamental properties of matter ... The habits of an elementary particle of matter cannot change (on the principles of the atomistic philosophy), because the particle is itself an unchangeable thing; but those of a compound mass of matter can change, because they are in the last instance due to the structure of the compound, and either outward forces or inward tensions can, from one hour to another, turn that structure into something different from what it was.



For lessons that require specific resources or a vocational approach different types of classrooms both indoors and outdoors are used. This allows for learning in an authentic context that fosters the natural development of the particular vocational skill. This is known as situated learning. Classrooms can range from small groups of five or six to big classrooms with hundreds of students. A large class room is also called a lecture hall. A few examples of classrooms are computer labs which are used for IT lessons in schools, gymnasiums for sports, and science laboratories for biology, chemistry and physics. There are also small group classrooms where students learn in groups of about 7 or 8.

SALA DE AULA



While the classroom is clearly the dominant setting for learning, the flexibility of classroom instruction is often called into question. Instead of isolating learners in a classroom, many teachers are experimenting with integrating learning into a student's daily life. New learning technologies and mobile devices make it possible for learning to take place at any time, at any place, and at any pace that the learner desires. This is particularly important for adult students who may need to schedule their learning around work and parenting responsibilities.



(39)

Poucas serão as escolas em que o mestre não anime entre os alunos o espírito de emulação; aos mais atrasados apontam-se os que avançaram como marcos a atingir e ultrapassar; e aos que ocuparam os primeiros lugares servem os do fim da classe de constantes esporas que os não deixam demorar-se no caninho, cada um se vigia a si e aos outros e a si próprio apenas na medida em que se estabelece um desnível com o companheiro que tem de superar ou de evitar.

A mesquinhez de uma vida em que os outros não aparecem como colaboradores, mas como inimigos, não pode deixar de produzir toda a surda inveja, toda a vaidade, todo o despeto que se marcam em linhas principais na psicologia dos estudantes submetidos a tal regime; nenhum amor ao que se estuda, nenhum sentimento de constante enriquecer, nenhuma visão mais ampla do mundo; esforço de vencer, temor de ser vencido; é já todo o temperamento de «struggle» que se afina na escola e lançará amanhã sobre a terra mais uma turma dos que tudo se desculparam.

Quem não sabe combater ou não tem interesse pela luta ficará para trás, entre os piores; e certamente esta predominância dada ao espírito de batalha um dos grandes malefícios dos sistemas escolares assentes sobre a rivalidade entre os alunos; não se trata de ajudar, nem de ser ajudado, de aproveitar em comum, para benefício de todos, o que o mundo ambiente nos oferece; urge chegar primeiro e defender as suas posições; cada um trabalhará isolado, não amigo dos homens, mas receoso dos lobos; o saber e o ser não se fabricam, para eles, no acordo e na harmonia; disputam-se na luta.

Urge quanto antes alargar a reforma radical que as escolas novas fizeram triunfar na experiência; que só haja dois estímulos para o trabalho nas aulas: a comparação de cada dia com o dia anterior e com o dia futuro e o desejo de aumentar o valor, as possibilidades do grupo; por eles se terá a confiança indispensável na capacidade de realizar e a marcha irresistível da seta para o alvo; por eles também o sentido social, o hábito da cooperação, a tolerância e o amor que gera a convivência em vez de um isolamento de caverna e de uma agressividade permanente; a vitória de uma ideia de paz sobre uma ideia de guerra.

Agostinho da Silva, in 'Considerações'



- turna
(latim turma, -ae, esquadrão de cavalaria)
s. f.
1. Reunião de trinta cavaleiros, com três decúries, na Roma antiga. = ESQUADRÃO
 2. Cada um dos bandos em que se divide uma grande multidão.
 3. Cada um dos grupos de pessoas que se revezam em certos actos.
 4. Cada um dos grupos em que se divide uma classe numerosa de alunos.
 5. Antigo peso ou moeda siamesa.



1. Afinidade
- vinculado
parentesco
analogia
consanguinidade
semelhança
intimidade
ligação
encadeação
familiaridade
identidade
similitude
parecença
elo
relação
simpatia
união
encadeamento
conexão
compatibilidade
identificação
conformidade

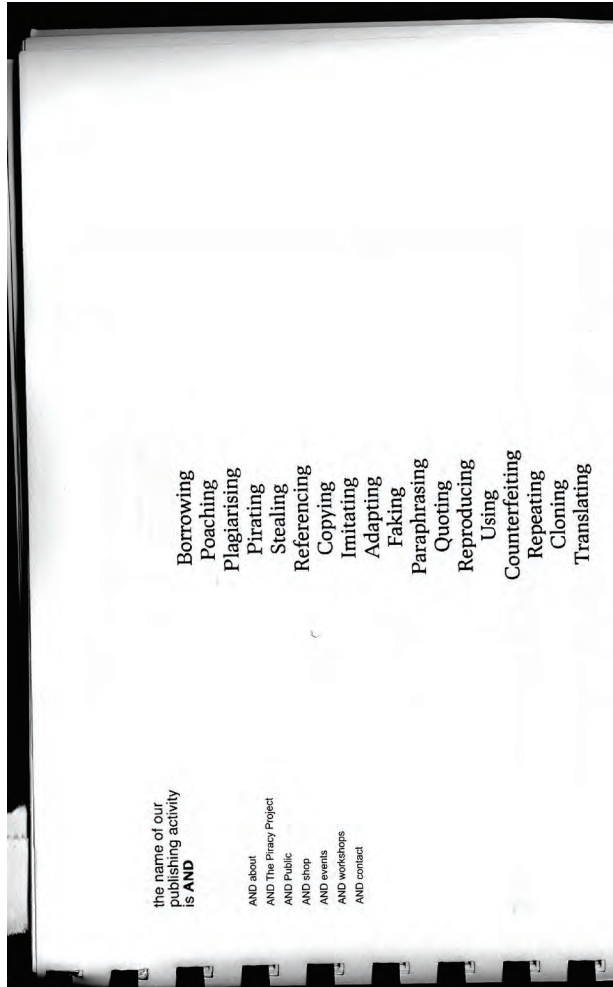
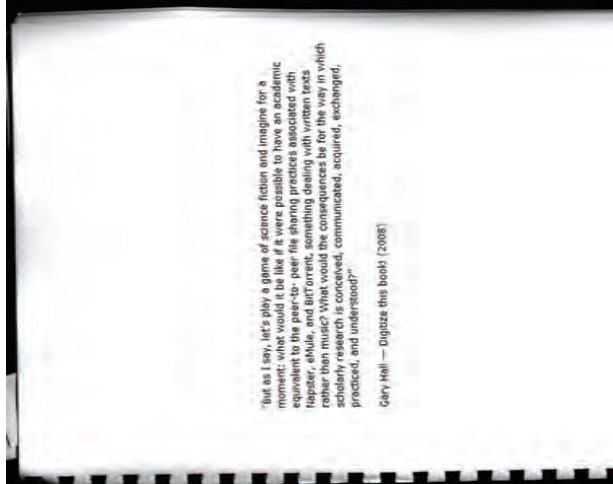
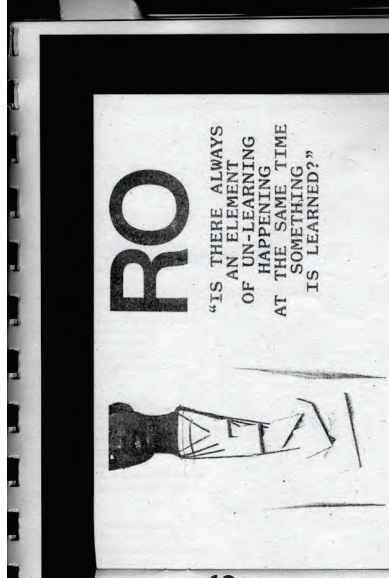
How to Make a Dadaist Poem (method of Tristan Tzara)

To make a Dadaist poem:

- Take a newspaper.
- Take a pair of scissors.
- Choose an article as long as you are planning to make your poem.
- Cut out the article.
- Then cut out each of the words that make up this article and put them in a bag.
- Shake it gently.
- Then take out the scraps one after the other in the order in which they left the bag.
- Copy conscientiously.
- The poem will be like you.
- And here are you a writer, infinitely original and endowed with a sensibility that is charming though beyond the understanding of the vulgar.

--Tristan Tzara

POSTSCRIPT



BAIRRO

Através do nosso trabalho de campo apercebemo-nos que os problemas que afligem o bairro dos Anjos são transversais a outros bairros lisboetas, e por consequência a todo o país. De modo a criar um modelo de um bairro que simbolizasse o funcionamento da sociedade portuguesa.

De modo a representar este bairro, definimos seis pilares base que permitissem criar uma narrativa permeável e metafórica de uma comunidade. Estes seis pilares foram inspirados na experiência 01, tomada a cabo com o ecossistema da turma. As respostas diversificadas dadas pelos membros da turma possibilitaram-nos identificar 6 conceitos que constroem o significado de comunidade: Família, Educação, Estado, Economia, Cultura e Rede.

A Família como unidade base da comunidade, aqui não há lugar para o indivíduo. Reflete-se sobre os valores tradicionais da família, do momento base da reunião familiar, em volta da mesa, com a matriarca no papel central a servir os restantes membros. O afastamento progressivo dos filhos dos pais, a complexidade das relações interpessoais, e o casal, marido e mulher, como a divisiva mínima desta equação. Os novos modelos parentais, os novos valores e o seu papel na criação dos filhos para a posterior educação da nação, fazem a ligação com o segundo pilar da Educação. Este pilar retrata o conceito linear de educação, confrontando-o com modelos anteriores à actualidade, nomeadamente no Estado Novo, em que a educação tinha uma ligação forte com a ideologia política. Ligando-a com a actualidade, confrontamos a educação com os problemas políticos actuais que a colocam num papel secundário da agenda e por consequente poem em risco o futuro da sociedade. Esse mesmo confronto leva-nos ao terceiro pilar, o Estado, que coloca-nos perante a oportunidade de uma mudança, ou um alienamento da realidade. Esse alienamento é-nos dado por uma constante máscara da situação real da nossa sociedade, hábito esse que vem desde o Estado Novo, pretendendo glorificar o país, evocando vontade política e iniciativa. Se pelo contrário optarmos pelo canal da mudança, deparamo-nos com uma realidade opressiva que nos nega constantemente o direito de nos manifestarmos. Directamente ligado ao discurso político está sempre um discurso ligado à economia que nos conduz ao nosso quarto pilar a Economia. Neste pilar revelamos uma realidade económica precária, em que somos constantemente aliciados com empréstimos que em vez de solucionarem os problemas, tornam-os mais profundos, que em paralelo com o estado da economia na actualidade, apenas agravam

a condição social dos portugueses.

O pilar da Cultura, reflecte valores tradicionais que se interligam com os outros pilares, consistindo naquilo que nos une como nação, e a nível mais localizado, como bairro. A cultura analisada neste ponto de vista, recai em valores mais antigos, mas que persistiram ao passar do tempo, valores que se ligam com ideologias, nacionalidade e sentido de pertença.

Por último, o pilar da Rede, pretende evidenciar a permeabilidade entre os diferentes pilares, demonstrando como tudo está ligado, e que nenhum problema pode ser analisado de modo hermético ou isolado.

A.
A MEU PAI
(no Santo Dia dos Finados)

Paiz quando às horas do findar do dia,
A bruma vaga cobre, triste, o Espaço
E a mim me envolve na melancolia...

Paiz diz-me: sabes que secreto laço
Me prende, a mim, que vago n'este mundo,
Triste, avergado sob o atroz cansaço,
A ti, que pairas lá no céu profundo?...

Paiz sou teu filho! — sou teu filho, sinto...
Não me renegues — sou teu filho, oh! Paiz...
Vês como eu vago n'este labirinto,
Perdido, triste, alucinado, — aii! —
Tal como a nave em que Israel vagou,
E, erma, ao acaso, sobre as águas vai,
Sem já saber que força me guiou,
Sem que me guie já vontade alguma,
N'esta derrota que seguindo vou?

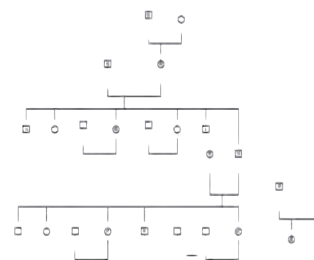
Pois, como à nave que não tem nenhuma,
Nenhuma sombra de tripulação,
Sorri ainda Vésper, de entre a bruma...
Tal ao meu enlutado coração,



I. A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA NO SÉC. XX

A família conjugal foi considerada como um «grupo primário»³, muitas vezes como o «grupo primário» por excelência, peça-chave da estrutura global da sociedade, e durante muito tempo, nas culturas ocidentais e mesmo noutras, como uma garantia da ordem e da autoridade. Vários autores salientaram a utilização da família para fins políticos no decorrer da história, particularmente pelo poder real em França⁴. Jean LACROIX recordou, por exemplo, a posição de DONALD, que se nos afigura hoje caricatural: o Estado rege a família, a família rege os indivíduos. Esta «ordem» social correspondia a uma determinada forma de existência, predominantemente rural, e a uma determinada concepção da vida política. Actualmente, sob a influência conjugada das transformações económicas e das correntes do pensamento, a família mudou muito de aspecto.

A família conjugal, ou um pouco mais latamente o «ménage», a «maisonnée», tal como existiu durante muito tempo na Europa, correspondia: no espaço, a uma unidade de habitação; do ponto de vista económico, a uma unidade de produção e de consumo; do ponto de vista social, a uma unidade de autoridade, a do «senhor da casa» ou chefe de família; e encontrava-se duplamente inserta num «sistema de parentesco» e num grupo local mais vasto: lugar, aldeia ou bairro.





Exercícios

Escrever, em algarismos, cinco unidades; três unidades; seis unidades.

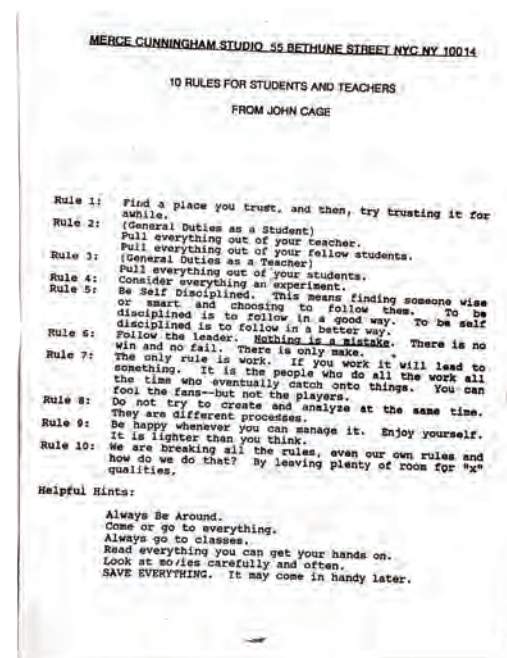
Escrever todos os números dígitos.

Quantas unidades tem uma dezena?

Quantas unidades há em oito dezenas?

Quantas unidades há em uma centena?

Quantas dezenas há em 20 unidades?



Sinónimo de educação

34 sinónimos de educação para 4 sentidos da palavra educação:

Capacidade:

1. competência, didática, disciplina, ensino, instrução, pedagogia.

Cultura:

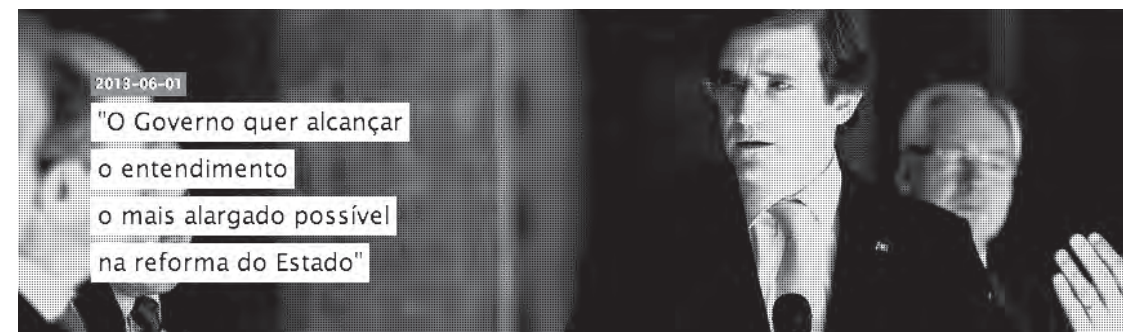
2. competência, conhecimento, cultura, perícia, prática, preparo, saber, tarimba.

Cortesia:

3. afabilidade, amabilidade, atenção, civilidade, cortesia, delicadeza, fineza, finura, gentileza, graciosidade, polidez, políptica, urbanidade.

Treinamento:

4. adestramento, amestramento, domaço, domesticação, humanização, treinamento, treino.



DECÁLOGO DO ESTADO NOVO

- 1.º O ESTADO NOVO representa o acôrdo e a síntese de tudo o que é permanente e de tudo o que é novo das tradições vivas da Pátria e dos seus impulsos mais avançados. Representa, numa palavra, a vanguarda moral, social e política.
- 2.º O ESTADO NOVO é a garantia da independência e unidade da Nação, do equilíbrio de todos os seus valores orgânicos, da fecunda aliança de todas as suas energias criadoras.
- 3.º O ESTADO NOVO não se subordina a nenhuma classe. Subordina, porém, todas as classes a suprema harmonia do Interesse Nacional.
- 4.º O ESTADO NOVO repudia as velhas fórmulas: **Autoridade sem Liberdade. Liberdade sem Autoridade** — e substitui-as por esta: **Autoridade e Liberdade.**
- 5.º No ESTADO NOVO o indivíduo existe, socialmente, como fazendo parte dos grupos naturais (famílias, profissionais, corporações, territoriais, municípios) — e é nessa qualidade que lhe são reconhecidos todos os necessários direitos. Para o ESTADO NOVO não há direitos abstratos do Homem, há direitos concretos dos homens.
- 6.º Não há Estado forte onde o Poder Executivo não é. O Parlamentarismo subordinava o Governo à tirania da assembleia política, através da ditadura irresponsável e tumultuária dos partidos. O ESTADO NOVO garante a existência do Estado forte pela segurança, independência e continuidade da chefia do Estado e do Governo.
- 7.º Dentro do ESTADO NOVO a representação nacional não é de ficções ou de grupos efêmeros, é dos elementos reais e permanentes da vida nacional: famílias, municípios, associações, corporações, etc.
- 8.º Todos os portugueses têm direito a uma vida livre e digna — mas deve ser atendida, antes de mais nada, em conjunto. O direito de Portugal a mesma vida livre e digna, o bem geral suplantam — contém — o bem individual. Salazar disse: **Temos obrigação de sacrificar tudo por todos; não devemos sacrificar nos todos por alguns.**
- 9.º O ESTADO NOVO quer reintegrar Portugal na sua grandeza histórica, na plenitude da sua civilização universalista de vasto império. Quer voltar a fazer de Portugal uma das maiores potências espirituais do mundo.
- 10.º Os inimigos do ESTADO NOVO são inimigos da Nação. Ao serviço da Nação — isto é, da ordem do interesse comum e da justiça para todos — po de e deve ser usada a força que realiza neste caso a **legítima defesa da Pátria.**



I—A Política: a Grande Porca



Nós, os manifestantes detidos hoje, 27 de Junho de 2013, no bairro da Bela Flor, saímos em manifestação espontânea a partir de S. Bento, com a polícia constantemente a acompanhar-nos sem nos dar qualquer tipo de indicações. Durante todo o percurso, os manifestantes foram pacíficos e não causaram qualquer tipo de danos. Após a passagem pelo Centro Comercial das Amoreiras, quando nos aproximámos do acesso para a Ponte 25 de Abril, pela primeira vez, as autoridades comunicaram connosco para nos indicar que enveredássemos para o acesso à Ponte 25 de Abril. Fomos encurralados por dezenas de membros e carrinhas do corpo de intervenção que esperavam fora de vista, e então dirigidos para o bairro da Bela Flor, sempre rodeados pelo corpo de intervenção. Ficámos detidos na rua desde as 19 horas (passa já das 23 horas e só agora estamos aos poucos a ser libertados), sem acesso a água ou sanitários. Após identificação e revista um a um dos cerca de 200 manifestantes, foram-nos apresentados, documentos para assinar ao mesmo tempo que se dificultava o acesso a advogados. Acabámos por saber que teremos que comparecer todos amanhã, 28 de Junho, às 10 da manhã no Campus da Justiça do Parque das Nações. Pedimos a presença e solidariedade de todos para os procedimentos. Já na anterior Greve Geral aconteceram inúmeras irregularidades nas detenções que foram efectuadas e, mais uma vez, o governo procura formar um escândalo para tentar abafar o impacto da Greve Geral. Aqui não há criminosos mas há arguidos; no governo não há arguidos, há criminosos.



TAEG de 13,1% a 19,4%

Em ocasiões especiais, tenha tudo para ser feliz.

☒ Declaro que autorizo a gestão informática dos meus dados pessoais, sob a responsabilidade do Banco Credibom, S.A., pessoa colectiva nº 503 533 726, com sede na Avenida General Norton de Matos, 71 - 3º, 1495-148 Algés, para fins de aprovação de propostas de crédito, celebração de contratos e eventual promoção de outros produtos ou serviços, através de meios telefónicos, escritos, mailing ou electrónicos, nomeadamente Email, SMS ou MMS. Declaro, por minha honra, que os dados por mim prestados são verdadeiros e correctos, e autorizo o Banco Credibom, S.A. a confirmar a sua veracidade junto do Banco de Portugal, da Credinformações, ou de quaisquer outros serviços de informações comerciais ou de crédito. Informamos que poderá aceder à informação que lhe diga respeito e solicitar junto do Banco Credibom, S.A., a sua correcção, aditamento ou eliminação.

Nota: Os campos assinalados com * são obrigatórios.

torna a vida mais fácil!

TAEG 22,0%, TAN 21,000%: Exemplo de uma utilização na modalidade de Conta Permanente no montante de 1.500€, prazo 1 ano, com reembolso em 12 prestações mensais iguais no valor de 137,58€. O Montante Total Imputado ao Consumidor é de 1.665,94€.

Tem um Código Promocional?
Insira aqui o seu código de oferta.



As taxas de juro são fixas. As mensalidades também são fixas, alterando apenas se aumentar o limite máximo de crédito autorizado.



Sem custos de amortização antecipada.



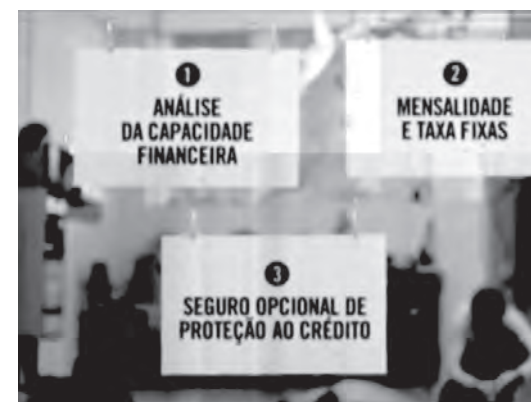
Permite a reutilização a qualquer momento do capital já amortizado sem aumentar a sua mensalidade. Poderá ainda aumentar o limite máximo de crédito sem ter de assinar um novo contrato.



Não precisa de sair de casa, faça o seu pedido de crédito no simulador. Pode imprimir imediatamente o contrato ou receber a documentação em casa.



Em 48h ou 2 dias úteis, após aprovação final, transferimos o dinheiro para a sua conta habitual.



Flexível na Utilização

Com plafond de 500€ a 10 000€, pode utilizar o seu cartão de crédito Black em:

- Compras em Portugal ou no Estrangeiro
- Operações no MultiBanco (levantamentos a crédito, pagamentos de serviços e outros)
- Transferências de plafond para a conta bancária

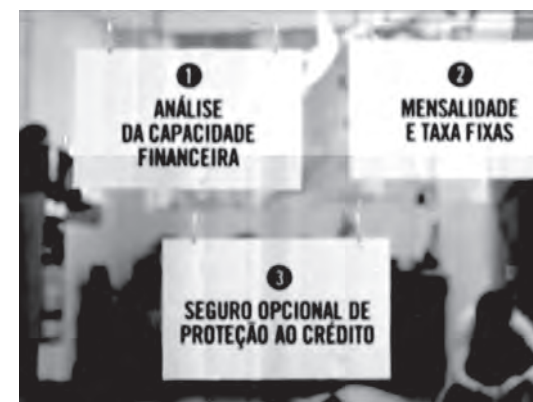
Cartão de Crédito Black

TAEG 25,1%*

O Cartão de crédito que lhe dá 3% de desconto permanente.

Cartão de Crédito Black, a seleção para as suas compras e despesas diárias que garante sempre 3% de desconto em Supermercados, Hipermercados, Gasolinas e Restaurantes, desde que o consumidor esteja domiciliado nestes serviços. Máximo 100€ por ano.

*TAEG apresentada refere-se a um limite de crédito de 1.500€ reembolsado em 12 mensalidades de capital iguais, às quais acrescem juros e encargos. TAN 20,90%.



Nota (1)
Nota (1a)
Nota (1b)

As taxas apresentadas são representativas.

TAEG calculada com base na TAN 20,90% para uma utilização do crédito de 1.500€ Euros e 12 prestações.

TAEG calculada com base na TAN 20,90% para uma utilização do crédito de 1.500€ Euros e 12 prestações.

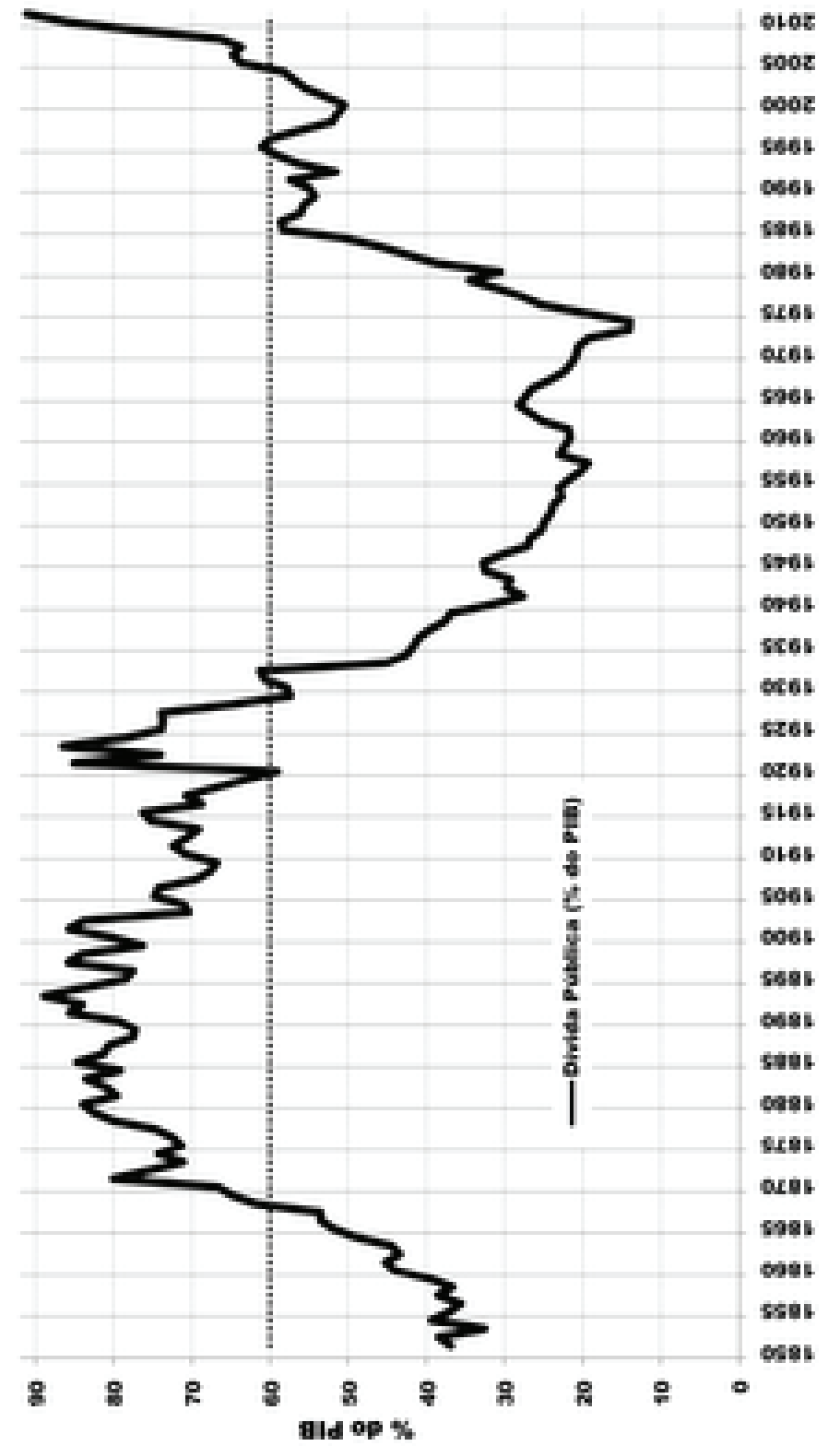
As TAEG são calculadas com todos os encargos incluídos, nomeadamente segundo obrigações (ver Anexo) com o Decreto-Lei nº 153/2009 e Instrução 11/2009 do Banco de Portugal.

Nota (2)

Amortecimento da taxa de juro: 3 fases decrescentes

Cálculo de juros: taxa 30/360

Regime fiscal aplicável: Montante Imputado de 50€ de 4% sobre os juros



20.
FADO

Fado — Mistério Improfundo...
 Saudade — Sultana Lenda...
 Legenda — História do Mundo...
 — Fado — Saudade — Legenda!...

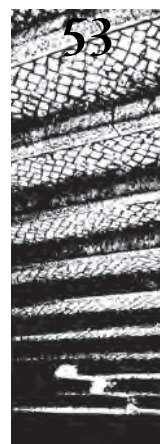
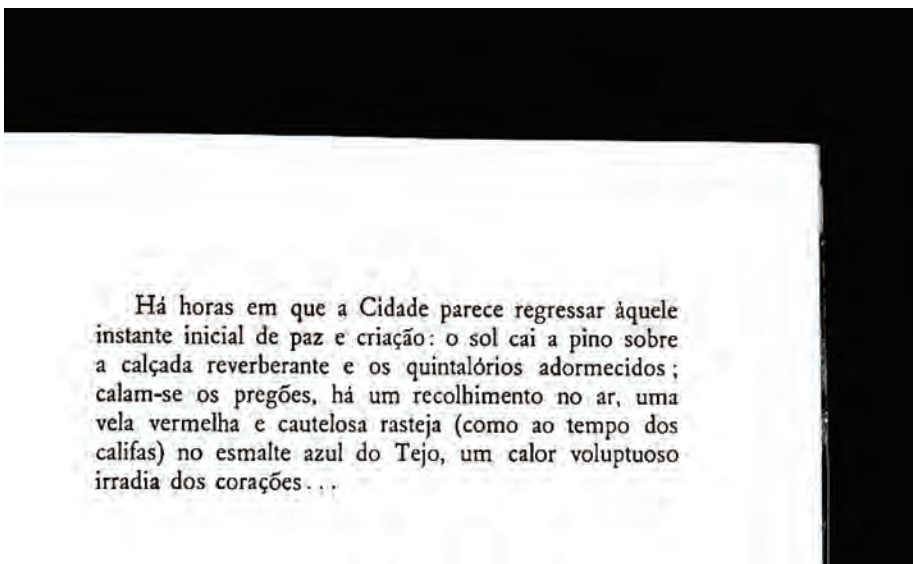
Fado... Destino da Vida...
 Fatal Poder... pelos Céus!...
 — Voto Sombrio de um Deus...
 Em que a Esp'rança Anda Envolvida!...
 — Devir Lastime ou Jocundo!...
 — Oh Devoção do Futuro!...?!...
 — Pressaga...?!... — Iniciação!?...
 — Audácia!... — ou Presunção...
 Intentos no Avir Oscuro?...
 — Fado! — Mistério — Improfundo!...

— Que canto dolente leva
 O Rio de Lissabona!...
 Tal o cantado na Emprona
 Na Nave de Tars Longeva!...
 — Eco de Narra — Legenda...
 Cantada aos Ventos, no Mar...
 Canto dolente do Harém...

— Como a Vela ao Vento — Além...
 — Ou qual geme o Alfange no ar!...
 — Saudade — Sultana Lenda!...

— Foi uma Ideal Criança
 Virgem, de Branco Vestida...
 Margarida Enflorescida
 No entecer da Loura Trança...
 Seio Puro, Olhar Profundo...
 Visão Crastina, em Rosal!
 — Foi Dogaresa, em Veneza...
 — Rainha, em Corte Francesa
 — Fada, em Sepulcro Ideal...
 — Legenda — História do Mundo

Quem sabe — o Sol que nos Rege
 Anjo de Luz onde Vai?...
 — E a Terra?... E os Homens?... ai!...
 — Que Fado as Almas Elege!...
 — Oh Esfinge Alta e Tremenda!...
 — Oh Sortes, do Bem e Mal...
 — Que Deus Alto manda a Vida?...
 — Que Ânsia em mim Desconhecida!?...
 — Que Visão de Belo Ideal!...
 — Fado! — Saudade! — Legenda!





A escolha desta abordagem ao projecto recai na premissa da criação de um arquivo de memória colectiva, conciliando as potencialidades do designer como agente activador de mudança, tendo em vista uma metodologia que encerra em si a possibilidade de uma continuidade de investigação nestes pressupostos.

MESTRADO DE DESIGN DE
COMUNICAÇÃO E NOVOS MEDIA
PROJECTO 2 + LABORATÓRIO 2
OUT OF PRINT, BACK TO LIFE I.O

ESFERA - BAIRRO
ANA DOMINGOS
BEATRIZ SEVERES

LISBOA, JULHO 2013